



10º Simposio de Ensino de Graduação

SINAIS E SINTOMAS VOCAIS DE TÉCNICOS E PREPARADORES FÍSICOS DE FUTEBOL

Autor(es)

NOELLE BERNARDI DA SILVA

Orientador(es)

REGINA ZANELLA PENTEADO

1. Introdução

Educadores físicos, técnicos, instrutores e preparadores esportivos têm, na voz, importante instrumento de trabalho e uma alteração vocal pode causar impacto negativo na profissão (SIMÕES, 2000; RODRIGUES, 2002; TROUT e MCCOLL, 2007).

Assim, a saúde vocal é uma questão séria para profissionais de educação física apesar de, infelizmente, muitas vezes ignorada. Estes profissionais, em geral, não recebem orientação adequada sobre saúde vocal e costumam apresentar hábitos vocais inadequados e enfrentam demandas intensas de uso vocal no trabalho, expostos a fatores de risco que podem levá-los a apresentar queixas, sinais e sintomas vocais, bem como alterações vocais, disfonias e lesões laríngeas como nódulo, edema, pólipos e hemorragia, entre outras (SIMÕES, 2000; RODRIGUES, 2002; TROUT e MCCOLL, 2007).

Uma análise da literatura fonoaudiológica brasileira acerca da temática da voz/saúde vocal de profissionais educadores físicos, técnicos, instrutores e preparadores esportivos mostrou que faltam estudos teóricos sobre o tema - apenas dois estudos focalizam os técnicos de futebol e não foram identificados estudos com preparadores físicos de futebol (PENTEADO e SILVA, 2011). As autoras afirmam a importância de ações fonoaudiológicas junto a estes profissionais; entretanto, entendem que as publicações existentes são insuficientes para subsidiar as ações; e apontam a necessidade de mais estudos neste campo, com destaque para a modalidade futebol (PENTEADO e SILVA, 2011).

Um estudo (RODRIGUES e BEHLAU, 2002), que teve por objetivo caracterizar o perfil vocal de 10 técnicos de futebol e identificar os sinais e sintomas presentes antes e após os jogos, obteve que a maioria dos técnicos de futebol apresentou sintomas de rouquidão, ressecamento na boca e garganta, pigarro e tensão na cintura escapular após os jogos. Concluiu que os técnicos de futebol desconhecem noções de saúde vocal e cometem abusos (gritar/falar alto, bebidas geladas e auto-medicação com pastilhas); entretanto apresentam o hábito positivo de beber água.

Na cidade de Recife (PE), uma pesquisa com 3 técnicos de futebol mostrou a falta de informação sobre cuidados vocais e a presença de abusos vocais, rouquidão, cansaço ao falar e variação na frequência da voz durante as atividades profissionais (GONÇALVES, SILVA e MARINHO, 2006)

Um estudo australiano recente investigou a saúde vocal e os fatores de riscos no local de trabalho de 12 técnicos de futebol e concluiu que o ambiente físico e organizacional causa impactos negativos na voz, como a fadiga vocal e a rouquidão; e também que os técnicos de futebol necessitam ter melhor entendimento sobre saúde vocal (BUCKLEY, 2011).

Considerando-se a tradição cultural brasileira que tem, no futebol, o esporte mais popular e de reconhecimento internacional; e o momento histórico do país vir a sediar a próxima Copa do Mundo de Futebol, evidenciam-se a escassez e a necessidade de estudos fonoaudiológicos junto a técnicos e preparadores físicos de futebol que possibilitem subsidiar ações de promoção da saúde junto a estes profissionais (PENTEADO e SILVA, 2011).

2. Objetivos

Avaliar sinais e sintomas vocais em técnicos e preparadores físicos de futebol.

3. Desenvolvimento

Pesquisa com aprovação CEP/UNIMEP 99/11 (13/12/2011).

Foram sujeitos desta pesquisa 13 preparadores físicos e 13 técnicos de futebol dos 20 times de futebol classificados para a primeira fase do Campeonato Paulista de Futebol de 2012/série A.

Após um contato inicial com a assessoria dos times, com fins de autorização preliminar e agendamento da visita da pesquisadora, a pesquisadora se deslocou até as cidades e locais onde ocorreram os treinamentos e/ou jogos dos times, para a coleta de dados, entre os meses de janeiro a abril de 2012.

Uma vez em contato com os técnicos e preparadores físicos, era feita apresentação da pesquisa e leitura e explicação do TECLE e, assim que consentida a participação e assinado o TECLE, se dava a coleta de dados.

Os sujeitos responderam ao Questionário de Sinais e Sintomas Vocais – QSSV (ROY et al, 2004) no momento que antecedia os jogos ou treinos dos times. É feita análise descritiva das respostas.

4. Resultado e Discussão

Apresentaram sinais e sintomas vocais 11 técnicos (com ocorrência de 25 sinais e sintomas vocais – média de 2,27) e 8 preparadores físicos (com ocorrência de 28 sinais e sintomas vocais – média de 3,5).

As médias se encontram acima dos valores obtidos junto a professores sem queixa vocal (0,8); e menores do que a de professores com queixa vocal (5,7) e de operadores de teleatendimento (6,8) (COSTA et al, 2011; PIWOWARCZYK et al, 2010).

Dentre os que registraram sinais e sintomas vocais, apresentaram até dois sinais e sintomas vocais: 8 técnicos e 1 preparador físico.

Apresentaram três ou mais sinais e sintomas vocais 3 técnicos (23%) e 7 preparadores físicos (54%). A presença de três ou mais sintomas tem sido apontada como indicativa de risco de distúrbio vocal; e atenção especial deve ser dada à fadiga vocal, ainda que como queixa isolada. (OLIVEIRA, 2004 e 2010).

Os preparadores físicos apresentam mais sinais e sintomas vocais que os técnicos, portanto se encontram em condição de maior possibilidade de apresentar problemas de saúde vocal e alterações vocais.

Sete sujeitos se apresentaram sem sinais ou sintomas vocais.

O Gráfico 1 mostra que os sinais e sintomas mais referidos pelos técnicos e preparadores físicos de futebol foram, em ordem decrescente: Rouquidão (30% técnicos e 54% preparadores físicos); voz cansada ou mudança de qualidade após curto uso da voz (30%); desconforto enquanto usa a voz (15% técnicos e 38% preparadores físicos); perda na extensão na voz cantada (23% técnicos e 15% preparadores físicos).

Os achados corroboram outros estudos com técnicos de futebol, que também identificaram a presença de sintomas vocais como fadiga (cansaço) vocal e rouquidão (BUCKLEY, O'HALLORAN e OATES, 2011); e tensão em cintura escapular, rouquidão, pigarro e ressecamento de boca e garganta (RODRIGUES e BEHLAU, 2002); e rouquidão e cansaço ao falar (GONÇALVES, SILVA e MARINHO, 2006).

A rouquidão também foi uma das queixas vocais de professores de educação física, considerados profissionais de risco para alterações vocais de origem funcional (SIMÕES, 2000; NASCIMENTO e BEHLAU, 2003). Cabe lembrar que rouquidão, alteração da qualidade vocal, fadiga, tensão, dor durante ou após o uso da voz e diminuição da extensão vocal são sinais e sintomas que podem indicar presença de disfonia por tensão muscular, caracterizada pela tensão excessiva da musculatura intrínseca e extrínseca da laringe que decorre, dentre outras coisas, do mau uso do mecanismo vocal (YAMASAKI, 2009).

O pigarro ocorre em 15%, em ambas as categorias (Gráfico 1). O hábito de pigarrear pode ser considerado abuso vocal bastante lesivo para a mucosa das pregas vocais, devido ao atrito que provoca entre elas. Também pode estar relacionado a quadros de refluxo gastro-esofágico (SIMÕES, 2000).

Os Sinais e Sintomas menos referidos foram: dor de garganta crônica (0) e apenas uma referência (8%) para: voz monótona; dificuldade em engolir, voz tremula e dificuldade em projetar a voz.

Interessante notar que somente um sujeito (preparador físico) mencionou a dificuldade em projetar a voz. Isso não corresponde à realidade de trabalho e necessidades de comunicação com os jogadores em ambientes abertos, com acústica inadequada e extremamente ruidosos, como os campos de treinamento, os estádios e situações de jogos.

O Gráfico 1 permite observar que há diferenças entre os Técnicos e Preparadores Físicos de futebol, nas maneiras de sentir, perceber e identificar sinais e sintomas vocais. Comparando-se as duas categorias de trabalhadores, nota-se que Preparadores Físicos referem mais sinais e sintomas vocais que os Técnicos, com destaque para maior ocorrência de rouquidão (54%), desconforto enquanto usa a voz (38%) e de esforço para falar (23%).

Considerando-se as condições ambientais desfavoráveis para a produção vocal destes profissionais, as quais envolvem, dentre outros aspectos, campos abertos e com ruído intenso em situações de jogos que gera competição sonora e dificulta a comunicação (SIMÕES,

2000; RODRIGUES, 2002; REINHARDT, 2004; TROUT e MCCOLL, 2007; BUCKLEY, 2010), destaca-se, aqui, a baixa ocorrência de esforço para falar, mencionado apenas por 23% dos preparadores físicos e um técnico (8%).

Alguns sinais e sintomas ocorrem exclusivamente em uma categoria profissional: ressecamento da garganta crônico (preparadores físicos) e problemas de voz falada ou cantada (técnicos) - Gráfico 1.

Interessante notar que embora os preparadores físicos não tenham assinalado problemas de voz cantada quatro sujeitos (15%) referiram perda na extensão na voz cantada, o que deveria ser identificado como um problema.

Quanto aos técnicos, também nota-se que 30% refere voz cansada ou mudança de qualidade após curto uso da voz; entretanto apenas 23% considera ter problema de voz falada ou cantada – ou seja: mudanças na qualidade vocal não são interpretadas como problema. Isso sugere que ambas as categorias profissionais têm dificuldades para perceber a própria voz, suas alterações e para identificar indícios de problemas vocais.

Os sujeitos seriam beneficiados por ações fonoaudiológicas que promovam processos de percepção e conhecimento da própria voz, identificação de indícios de possíveis alterações vocais, bem como processos educativos para a promoção da saúde vocal.

5. Considerações Finais

Técnicos e Preparadores Físicos de futebol fazem uso da voz na profissão e apresentam sinais e sintomas vocais que sugerem possibilidades de risco à saúde vocal.

Há diferenças, entre as duas categorias profissionais, nas maneiras de sentir, perceber e identificar sinais e sintomas vocais.

Técnicos e Preparadores Físicos de futebol demandam ações fonoaudiológicas para promoção da saúde vocal.

Referências Bibliográficas

BUCKLEY, K. Voice of the game: sports coaches and vocal health. The impact past player experience on coaches voice use. Blog (21/03/2010). Disponível em: <http://voice-of-the-game.blogspot.com/2010/03/impact-of-past-player-experience-on.html>. Acesso em 8/4/2011.

BUCKLEY, K.; O'HALLORAN P; OATES, J. Voice and vocal health in elite sports coaching: considerations for elite football coaching staff. *British Journal of Sports Medicine*. BR J Sports Med 2011; 45:337-38.

COSTA DB; ALMEIDA AAF; SILVA EG; CUNHA GMS; ALMEIDA LNA; LOPES LW. Fatores de risco vocais e emocionais em professores com e sem queixas vocais. *Anais do 19º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia V.16 (Suplemento Especial) 2011. Disponível em: <http://www.sbfafono.org.br/portal/suplementorsbfafono> Acesso em 29/08/2012.

GONÇALVES, J. S.; SILVA, M. K. F; MARINHO, V. Qualidade vocal dos técnicos de futebol na cidade de Recife- PE. XIV Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia / Salvador. *Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (Suplemento Especial)*; 2006.

NASCIMENTO SRLG; BEHLAU, M. Caracterização do uso da voz do professor de educação física. Monografia de Especialização. Centro de Estudos da Voz. 2003. Disponível em: http://www.cevfono.com/2010/monografia_select.php?cid=172 Acesso em 29/08/2012.

OLIVEIRA, I.B. Avaliação fonoaudiológica da voz: reflexões sobre condutas, com enfoques à voz profissional. In: FERREIRA LP (org.) *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 11-23, 2004.

OLIVEIRA, I.B. Avaliação fonoaudiológica da voz: reflexões sobre condutas, com enfoques à voz profissional. In: FERNANDES, FDM; MENDES, BCA; NAVAS, AL. (org.) 2. ed. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 2010.

PENTEADO RZ; SILVA, NB. Voz/saúde vocal de educadores físicos, técnicos, instrutores e preparadores esportivos: estudo da literatura fonoaudiológica brasileira. *Anais do 19º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia*. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia V.16 (Suplemento Especial) 2011.

PIWOWARCZYK TC; OLIVEIRA G; LOURENÇO L; BEHLAU M. Sintomas vocais, perfil de participação e atividades vocais (PPAV) e desempenho profissional dos operadores de teleatendimento. 18º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia/Curitiba. Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia v.15 (Suplemento Especial); 2010. Disponível em: http://www.sbfa.org.br/portal/anais2010/anais_select.php?op=buscaresultado&cid=3651&tid=1 Acesso em 29/08/2012.

RODRIGUES, A. B. S. Caracterização do Perfil Vocal dos Técnicos de Futebol. Centro de Estudos da Voz [Monografia de Especialização]. São Paulo: CEV; 2002. Disponível em http://www.cevfono.com/2010/monografia_select.php?cid=221. Acesso em 11/04/2011.

ROY N, MERRILL RM, THIBEAULT S, GRAY S; SMITH EM. Voice disorders in teachers and the general population: Effects on work performance, attendance, and future career choices. J Speech Hear Res. 2004;47:542-51.

SIMÕES, M. O Profissional de Educação Física e o Uso da Voz. Rev. Atividade Física e Saúde 2000; 5(1): 71-80.

TROUT, T.; MCCOLL, D. Vocal Health for Physical Educators. JOPERD 2007; 78(8):12-15

YAMASAKI, R. Raciocínio clínico na disfonia por tensão muscular. In: SBFA. Anais do III Encontro nacional do departamento de voz da SBFA - exercício profissional na área de voz. São Paulo, 2009. p. 14.

Anexos

GRÁFICO 1 - Análise descritiva do percentual de prevalência de Sinais e Sintomas Vocais (QSSV) em Técnicos e Preparadores Físicos de Futebol

